



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Escolas das religiões afro-brasileiras

Esp. Antonio Luz¹

A obra *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*, publicada em 2012 pela Arché, foi escrita pelo sacerdote Francisco Rivas Neto, no ambiente da Faculdade de Teologia Umbandistas (FTU). Esse livro representa importante contribuição ao campo religioso afro-brasileiro. De fato, é um marco na reflexão teológica do campo religioso afro-brasileiro iniciada com a FTU. Não é um livro que discorre sobre os aspectos rito-litúrgicos específicos, mas se debruça sobre a totalidade deste campo, enfrentando sua diversidade e complexidade, dadas por diferentes construções religiosas produzidas por diversos povos que aqui se estabele-

1. Especialista em Teologia Afro-Brasileira (FTU), pós-graduado em Ciências da Religião (PUC-SP) e graduado em Economia (Unicamp).

Esp. Antonio Luz

ceram, em diferentes períodos da nossa história e em diversas regiões do Brasil.

O livro faz uma série de incursões sobre a origem e os fatores que caracterizam o até então difuso conjunto de religiões afro-brasileiras, suas várias linguagens, mitos fundantes, entre outros aspectos. Deter-me-ei brevemente em deles.

Embora seu horizonte seja amplo, o leitor perceberá que sua linha discursiva parte do universo das umbandas, suas reflexões e críticas partem dali e alcançam outras confessionalidades. Isso se justifica na afirmação do autor de que o livro é produto de um longo processo vivenciado no terreiro, de reflexões sobre aspectos espirituais, culturais, sociais e psíquicos, que processualmente desaguou na necessidade de cunhar um conceito próprio: o de escolas.

A leitura flui com facilidade, o autor faz uso de linguagem e de recursos imagéticos que facilitam a compreensão das suas ideias para acadêmicos e não acadêmicos. Vamos expor aqui apenas um dos aspectos discutidos no livro envolvendo o conceito de escola.

Rivas Neto faz distinção entre conhecimento religioso e crença religiosa, ou seja, toma a teologia como senso crítico da religião e em vários trechos de diferentes capítulos reforça

Escolas das religiões afro-brasileiras

esse postulado. Essa posição crítica vai de encontro à homogeneização do campo religioso, como as tentativas de codificação da umbanda, o racismo religioso, além de questionar o mito de fundação da umbanda² como marco inicial da mesma, entre outros. Defende com veemência a diversidade, por ser esta antídoto à violência dos discursos hegemônicos, no entanto, no capítulo terceiro, o autor defende a “umbandização” (tomada como missão), podendo causar estranheza ao leitor, pois parece uma contradição entre termos. Na história das umbandas há vários registros de tentativas de codificação e de cartas sinódicas encampadas por autores umbandistas ou pelas federações de umbanda espalhadas pelo Brasil, e isto poderia se repetir, argumentaria o leitor. A resposta a esse tipo de questionamento está na própria definição de escola, porque a mesma não deve ter apenas uma epistemologia, ética e método, um fundador e uma linha de transmissão de tradição oral, mas sobretudo por sua relação com as demais escolas, no conjunto do seu campo religioso. Assim, por definição, o

2. Discussão mais aprofundada sobre o assunto encontra-se no livro *O mito de origem*, de Mãe Maria Elise Rivas, publicado em 2013 pela Arché Editora.

Esp. Antonio Luz

conceito de escolas não abre espaço para o monopólio de uma escola sobre todas as demais, pois todas são igualmente importantes. Haveria, portanto, uma ética coletiva que impediria ou neutralizaria esse tipo de violência. Os capítulos VIII (Religiões afro-brasileiras, religiões das várias linguagens) e X (Religiões afro-brasileiras, a unidade na diversidade) discutem essa possibilidade, mas especialmente o XI (Escolas das Religiões afro-brasileiras: as neutralizadoras do fundamentalismo endógeno) trabalha com a ideia de unidade de diversidades usando o conceito de *Gestalt*: uma solução engenhosa para definir os critérios éticos de pertença de uma escola em um determinado campo religioso.

Em resumo, o estatuto de escola é relacional, não fundamentalista (tomar a sua religião ou crença como melhor e única, não havendo espaço para o outro, para a diversidade) nem mercantilista (como é o caso de cursos de “iniciação”, por exemplo), e se apoiaria numa relação harmoniosa com conjunto das demais escolas. Não há, no conceito, espaço para o monopólio religioso de qualquer uma das escolas sobre as demais. Diversidade é chave da construção do conceito de escolas.

Outrossim, o leitor vai constatar a centralidade do subtítulo que consta na diagramação da capa do livro: tradição

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Escolas das religiões afro-brasileiras

oral e diversidade, dois pilares da obra que são desdobrados ao longo de todo o livro. O tema da oralidade será ainda objeto de um outro livro, lançado dois anos depois, em 2014, cujo título é *Teologia da tradição oral*, obra escrita por três autores, Francisco Rivas Neto, Maria Elise Rivas e João Luiz Carneiro, obra que aprofunda e densifica o tema da oralidade, tomada aqui como tradição (vis-à-vis à tradição escrita), numa abordagem bastante sólida e de cunho acadêmico.

A teologia afro-brasileira nasceu nesta obra, depois de ser gestada em sua pesquisa na FTU, com uma série de artigos publicados no *Blog Espiritualidade e sociedade na visão das religiões afro-brasileiras*. Assim ela começou a dar seus primeiros passos na construção de sua própria autonomia, voltada para as organizações religiosas afrodescendentes e para seus sujeitos de fé, sejam eles dos Orixás, Inquices, Voduns ou Encantados.

Figura 1 - Reprodução da capa do livro *Escolas das tradições Afro-brasileiras: tradição oral e diversidade* na página seguinte.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Esp. Antonio Luz

Fonte: reprodução do site da editora
(<<https://www.archeeditora.com.br/product-page/escolas-das-religi%C3%B5es-afro-brasileiras-tradi%C3%A7%C3%A3o-oral-e-diversidade>>).

